



Volume 9, n.1, jan./jul. 2020
ISSN: 2317-0352

Sociologia e Filme

A dominação masculina e a igreja católica: um estudo do filme *A papisa Joana*

Male domination and the catholic church: a study from movie: *The pope Joan*

Resumo

Na história da humanidade, os homens buscam estratégias diversas para subjugar e inferiorizar as mulheres, enquanto elas buscam superar essa condição. Dessa forma, o presente estudo objetiva, por meio da análise fílmica da obra *A papisa Joana*, problematizar a dominação masculina e as estratégias femininas de superação no interior desse conflito. Utilizou-se como recurso metodológico uma análise crítico-reflexiva de cunho interpretativo. Concluiu-se que o discurso androcêntrico e/ou misógino presente no filme utiliza narrativas míticas para justificar uma suposta submissão das mulheres. Por outro lado, a resistência da protagonista possibilita a desconstrução gradativa das representações produzidas pelas mentalidades patriarcais.

Palavras-chaves: Gênero. Corporalidade Feminina. Dominação Masculina.

Abstract

In the history of mankind, men seek different strategies to subdue and lower women, while they seek to overcome this condition. Thus, the present study aims, through the film analysis of the work *The pope Joan* Joana, to problematize male domination and female strategies of overcoming within this conflict. As a methodological resource, a critical-reflexive analysis of an interpretative nature was used. It was concluded that the androcentric and / or misogynistic discourse present in the film uses mythical narratives to justify the supposed submission of women. On the other hand, the protagonist's resistance allows the gradual deconstruction of the representations produced by the patriarchal mentalities. possible to understand how the spirit of resistance of women fostered the rise of feminist discourse and the gradual deconstruction of representations produced by patriarchal mentalities.

Keywords: Gender. Female Corporeality. Male Domination.

Virgínia Arlinda da Silva Cardoso

Assistente em
Administração/UFOP.
Doutoranda em Economia
Doméstica pela Universidade
Federal de Viçosa/UFV.
E-mail: iviecd@yahoo.com.br

Rita de Cássia Pereira Farias

Professora da Universidade
Federal de Viçosa/UFV.
Doutora em Antropologia
Social pela Unicamp.
E-mail: farias.rcp@gmail.com

Introdução

Na história da humanidade, os homens buscam estratégias diversas para subjugar e inferiorizar as mulheres, enquanto elas buscam superar essa condição. A sociedade reforça essa submissão, seja pela força física, educação, cultura, costumes e discursos. Diante das estratégias de dominação, as mulheres se veem diante de uma luta em prol da aquisição de direitos e libertação da opressão.

O presente estudo objetiva, por meio da análise fílmica da obra *A papisa Joana*, problematizar as assimetrias de gênero na Idade Média, a dominação masculina e as estratégias femininas no interior desse conflito. Busca-se descortinar o cenário no qual as relações desiguais se estabelecem e se desenvolvem, e dessa forma, compreender como se ensina a ser mulher, quais os mecanismos de doutrinação e opressão utilizados em uma sociedade onde a dominação masculina busca sua legitimação e permanência.

Segundo Seligmann-Silva (2010), Chartier (2011) e Barros (2011), o cinema assume papel significativo na vida cultural, política, social e econômica, além de promover a articulação entre presente e passado, real e simbólico, ressaltando tanto movimentos instituídos por grupos dominantes, quanto os movimentos de grupos subordinados, subjugados e ou excluídos.

Em termos metodológicos, o artigo se insere em uma perspectiva qualitativa e documental em que o filme é visto como um documento rico de potencial analítico. A análise fílmica possibilita uma apreciação crítico-reflexiva de cunho interpretativo. O *corpus* de análise foi constituído pelo filme *A papisa Joana* em um processo no qual o filme foi descrito e decomposto em partes para potencializar as análises fundamentadas em textos de pesquisadores reconhecidos nas diferentes áreas do conhecimento. O tratamento dos dados considerou aspectos relativos à descrição, decomposição, crítica e análise histórico-sociológica, consteudística e discursal.

Esse recurso metodológico busca promover uma releitura da obra mediante estratégias interpretativas de viés antropológico e sociológico, bem como contextualizar o fenômeno no tempo e espaço. Franca (2002) e Penafria (2009) destacam a importância da análise fílmica na identificação do discurso que a obra cinematográfica constrói sobre a sociedade na qual se insere, apontando suas ambiguidades, incertezas e conflitos. Quando se interpreta uma fonte fílmica, busca-

se entender as estruturas internas da linguagem e suas formas de representação da realidade sócio-histórica contidas nessas fontes (VANOYE; GOLLIOT-LÉTÉ, 2016). O uso das fontes fílmicas possibilita ainda o entendimento sobre os ressignificados da história, memória e identidade (RAINONE; FROEMMING, 2008); (OLIVEIRA, 2017).

1 A trama fílmica

A papisa Joana é um filme épico produzido em colaboração por diferentes países: Alemanha, Espanha, Reino Unido e Itália. Baseado no romance *Pope Joan*, de autoria de Donna Woolfolk Cross, tem como elenco Johanna Wokalek no papel da papisa Joana, David Wenham, como Gerold e John Goodman como Papa Sérgio II. Seu lançamento ocorreu em outubro de 2009.

O filme se passa em uma época em que o pensamento era reprimido, a religião era considerada como única fonte de sabedoria e o acesso ao conhecimento formal era restrito ao clero. A mulher era tratada como ser sem alma, inferior, sem controle de si ou perigosa. Na versão cinematográfica, Joana nasceu em 814, na aldeia de Ingelheim, onde hoje seria a Alemanha. Ela se tornou personagem épico ao lutar contra os costumes androcêntricos de sua época, principalmente aqueles em que a mulher era subjugada e considerada inferior ao homem.

Após a morte do imperador Carlos Magno em 814 d.C., o império romano entrou em decadência, sendo tomado por pestes, guerras civis e invasões vikings e sarracenas. A vida nesse período era muito difícil para as mulheres que não tinham direitos legais ou de propriedade. Tanto as leis quanto a igreja católica defendiam formas de submissão das mulheres aos homens, principalmente aos pais e maridos. A educação feminina era desencorajada, pois uma mulher letrada era considerada uma aberração e um perigo (DEÉRE; LEÓN, 2003).

Desde criança, a protagonista Joana mostrou ser dotada de um grande intelecto. Sua inteligência e interesse em aprender a ler e escrever sempre foram

severamente reprimidos por seu pai que também era padre¹, e acreditava que não era permitido às mulheres adquirir tais ensinamentos. Os irmãos de Joana eram ensinados pelo pai e ela aprendia de forma indireta, por meio das observações, pelos ensinamentos de seu irmão João e pelas histórias pagãs contadas por sua mãe e que eram consideradas por seu marido como blasfêmias. A repressão ao ensino feminino era avassaladora, tanto que a mãe de Joana era brutalmente castigada pelo marido quando contava uma dessas histórias para a filha. A mulher sofreu violência física e psicológica, sendo espancada e estuprada, além de ter o cabelo cortado, evento de forte carga simbólica que visava retirar um emblema da sua feminilidade.

Joana e seus irmãos cresceram nesse ambiente de agressão, tanto que fugiram de casa em uma noite chuvosa para não presenciar mais a violência. Devido à exposição às intempéries, Mateus, o irmão mais velho de Joana, foi acometido de uma grave enfermidade culminando em sua morte. Após a morte de Mateus, o pai ordenou que João, o filho mais novo, seguisse os estudos, contrariamente à Joana, que tentava se oferecer para prosseguir no lugar do irmão falecido, mas, em resposta, ela foi severamente agredida por seu pai.

Um padre grego de nome Asclépio, convidado do pai de Joana, chegou à sua casa para ensinar João; porém ele não apresentava as qualidades de leitura necessárias para ser educado pelo padre, ao contrário de Joana. Após descobrir o talento da menina, o padre Asclépio decidiu educá-la. Seu pai se opôs, mas por fim consentiu, sob a condição do filho João também ser educado.

Decorridos dois anos de ensinamento às crianças, Asclépio voltou à Constantinopla, sua terra natal, mas assegurou a Joana que a ajudaria a prosseguir com seus estudos e a presenteou com um livro de Homero, o qual ela guardou em segredo. O livro foi descoberto pelo pai que a acusou de bruxaria e, como punição, forçou-a a apagar todas as escritas do livro, raspando as letras com uma faca.

Anos mais tarde, surgiu na vila em que Joana morava, um emissário do bispo de Dorstadt que, sob influência do padre Asclépio, convocou-a para estudar na escola da catedral. O pai de Joana, ao ler o documento, disse tratar-se de um engano de

¹ Até o século 12, os sacerdotes podiam casar e ter filhos. A obrigatoriedade da castidade clerical se tornou norma a partir dos concílios de Latrão, séc. 12 e reforçados pelos papas Leão 9º e Gregório 7º. Havia uma preocupação com a chamada "degradação moral" do clero, naqueles tempos de Idade Média em que a Igreja Católica era muito poderosa (KIYAN, 2005).

escrita e, ao invés de Joana, disse ser seu filho homem quem estava sendo convocado para a escola. Joana desmentiu o pai, mas de nada adiantou, pois, sua mãe, por obediência e temor ao marido, confirmou se tratar de João. Assim, João foi levado para a escola e Joana, muito triste e inconformada, fugiu de casa durante a noite. Sua mãe a viu fugir, mas procedeu como se não tivesse visto, possivelmente, na esperança de que ela tivesse uma vida melhor que a dela.

Joana vagueou pela floresta e encontrou seu irmão perdido após ser atacado por um ladrão que havia matado o emissário do bispo para roubar seu anel de ouro. Os dois partiram para a escola e foram aceitos pelo Bispo. Joana, diferentemente do irmão, foi cobrada a mostrar seus conhecimentos com leituras periódicas. Ela passou por incontáveis humilhações na escola unicamente por ser mulher, mesmo apresentando desempenho superior aos alunos homens.

O bispo foi indagado a despeito de onde Joana seria alojada, visto que ela não poderia ficar nos alojamentos masculinos. Em meio a esse impasse, surgiu a figura do conde Gerold, que se prontificou a receber Joana em sua casa e criá-la como uma de suas filhas. Com o passar do tempo Joana e Gerold se aproximaram e a partir disso surgiu o amor entre eles. O conde foi enviado para lutar com as tropas do rei contra a invasão viking e deixou Joana aos cuidados de sua esposa Richeld que, enciumada pelo afeto de ambos, decidiu casar Joana à força com um homem desconhecido, obrigando-a a parar com os estudos.

No dia do seu casamento, a igreja foi atacada por nórdicos e a população da cidade foi dizimada, inclusive a família de Gerold e o irmão de Joana. Ela sobreviveu e, como meio de se manter viva, decidiu se passar pelo irmão morto. Para se parecer com um homem e assumir a identidade do irmão, Joana vestiu suas roupas, amarrou os seios e cortou os cabelos. Ela se apresentou como João e foi aceita no monastério.

Passaram-se os anos e Joana, agora João Ânglico, tornou-se monge e médico. Sem as privações de outrora ela expandiu seus conhecimentos e tornou-se uma célebre erudita. Joana manteve-se focada e estudiosa até ser acometida por uma peste, cujo tratamento exigia que ela fosse despida e coberta por um lençol encharcado de água. Para não ser descoberta como mulher, Joana fugiu em um barco que vagueou por dias com ela inconsciente em seu interior. Quando acordou, ela se viu despida das vestes de sacerdote e trajada como mulher.

A casa onde se encontrava pertencia a Arn, cuja família Joana ajudara no passado. Arn e a família ajudam Joana a fugir para Roma. Antes de partir ela entregou à Arnalda, filha de Arn, um medalhão de madeira, feito por seu irmão Mateus, com a imagem de Santa Catarina (santa essa que enfrentou preconceitos, perseguições e violências devido a sua coragem, inteligência e fé inabaláveis). Joana pediu aos seus pais para que a menina recebesse instrução.

Em Roma, João Ânglico se destacou por suas habilidades médicas, curando vários doentes que moravam nas ruas. Seus conhecimentos foram reconhecidos pelos sacerdotes de Roma e assim ele foi chamado para tratar o Papa Sérgio II, que apresentava graves problemas de saúde. Ele o tratou e o curou de sua enfermidade, por esse motivo permaneceu como médico e tornou-se nomenclator da casa papal até a ascensão de Leão IV ao Trono de São Pedro em 847.

Em meio a esses acontecimentos, Joana reencontrou Gerold e eles reviveram o encantamento e começaram um romance, culminando na gravidez de Joana. Gerold pediu para que ela fugisse com ele. Joana ponderou sobre o pedido e viu suas conquistas ameaçadas. Mesmo amando Gerold, ela não queria voltar a ser uma mulher que viveria apenas para seu marido e filhos, pois sabia que era capaz de grandes feitos em prol da sociedade.

Com a morte de Leão IV, Joana ascendeu ao trono papal, tornando-se a única mulher papa da história. Durante seu papado, ela passou por inúmeros conflitos de ordem política com os demais bispos e com o clero ao criar uma escola para meninas e, ao interagir de maneira lógica e racional diretamente com a população romana, deixando de lado os dogmas da igreja.

Em meio a tantas conquistas, Joana se viu perplexa ao saber que engravidara de Gerold. Mesmo tendo consciência do perigo que corria, ela decidiu continuar como papa até a páscoa, uma vez que durante esse período, poderia realizar grandes obras em prol da população romana. A gravidez foi o gatilho para que a verdade sobre ela fosse revelada. Durante a procissão da páscoa Gerold foi morto e Joana começou a sentir as dores do parto e buscou suportá-las até o fim da procissão. Ao descer de sua carruagem, se sentiu tonta e caiu ao chão. Joana, tentou subir as escadas que levavam à casa papal, mas acabou morrendo, juntamente com a criança, no meio das ruas de Roma.

Se Joana realmente existiu, não se sabe ao certo. Segundo Donna Cross, autora do livro que originou o filme, existem provas de que Joana existiu, dentre elas muitos dos costumes que foram alterados com relação ao pontificado depois de 855, quando Joana morreu. Um dos argumentos sobre sua existência, é uma nota escrita em 1486 pelo bispo João Buckardt no qual ele afirma que a papisa Joana foi uma mulher forte, destemida, metódica, pragmática e erudita que lutou contra uma sociedade e contra si mesma em busca da realização de seu sonho de liberdade (MARQUES *et al.*, 2017).

2 A dominação masculina na idade média

A história de Joana nos mostra como a dominação masculina² vigorou no âmago da sociedade durante a Idade Média. Segundo Georges Duby (1989, p.15):

A Idade Média é um período masculino, uma “idade dos homens”. O que se percebe neste momento histórico, é que os homens, pelas suas ações, pelos seus testemunhos, mesmo nas páginas dos textos literários, pertencem a um sexo superior. São as suas vozes que são ouvidas, são eles que chegam à superfície do rio dos tempos. E eles falam sobre várias coisas, inclusive sobre as mulheres e seus corpos.

Para Bourdieu (2010), a origem da dominação masculina está na construção social dos corpos humanos. As diferenças visíveis entre os órgãos sexuais masculino e feminino os tornam “símbolos” para a construção social, segundo os princípios de divisão da razão androcêntrica que legitima uma relação de dominação de natureza biológica e social. Neste sentido, o entendimento das diferenças sexuais não está somente na constituição biológica dos corpos, mas também na variedade de significações sociais construídas, principalmente dos órgãos sexuais do homem e da mulher, denominado pelo autor como “corpo socializado”.

Tanto a masculinidade quanto a feminilidade são socialmente construídas. Sobre o sexo biológico são criadas demandas culturais que indicam os papéis que devem ser desempenhados pelo masculino e feminino, bem como as relações que serão estabelecidas entre eles. As relações de gênero não ocorrem de maneira igualitária e simétrica, elas são permeadas por relações de poder e dominação dos homens sobre

² A dominação masculina seria uma forma particular de violência simbólica. Tal conceito compreende o poder que impõe significações, atribuindo-as como legítimas, de forma a dissimular as relações de força que sustenta a própria força (BOURDIEU, 2010).

as mulheres (NADER; CAMINOTI, 2014). Zinani (2006) acrescenta que mitos e lendas antigas contam a vitória do homem, com isso ele passou a fazer os códigos, colocando a mulher em uma situação inferior, subordinada. Neste contexto se instaurou a ordem patriarcal, na qual se reservou à mulher um papel secundário. O homem estendeu sua supremacia física aos demais planos, incluindo o da moral, estabelecendo a assimetria entre os gêneros (SCOTT, 1995).

No âmbito do processo de criação de regras de conduta, interessava ao homem normatizar o sexo, ou seja, estabelecer padrões para determinar o que seria moralmente aceitável no âmbito da relação carnal. Essa atitude visava impedir que as esposas ficassem grávidas de outros homens, garantindo a legitimidade da linhagem. Para tanto, a criação de um padrão de sexualidade passou a ser justificada a partir de uma suposta ação moralizante que visava impedir que as mulheres se desviassem da pureza cristã, impondo a moralidade religiosa como dominadores silenciosos da sexualidade feminina (LÚCIO, 2017).

Bourdieu (2010) salienta que as mulheres são tratadas como objetos ou como símbolos, cujo sentido está alheio e cuja função é manter o capital simbólico, em especial a honra, em poder dos homens. Permeado pela dominação masculina, o filme traz uma diversidade de situações, em que a violência, a maldade e a opressão residem nas atitudes e/ou ações manifestas por figuras masculinas. São eles que comandam o jogo de opressão contra as personagens femininas, das quais destacam-se Joana e sua mãe.

No início do filme é o pai de Joana quem apresenta os traços da dominação e androcentrismo ao interagir com sua esposa e filha. Ele demonstra seu caráter opressivo ao impedir que uma parteira acalentasse a dor de sua esposa ao dar a luz e justifica a ação recitando a bíblia que dizia que a mulher deve parir com dor os seus filhos. Decepcionado pelo nascimento de uma criança do sexo feminino, o padre não confortou a esposa, que lutava para viver. Para justificar seus atos e exteriorizar sua frustração, ele se apropria de uma passagem da bíblia: pela mulher adveio o pecado, e nomeia sua filha com o nome de Joana³.

³ Era função da Igreja “castrar” a sexualidade feminina, usando como contraponto a ideia do homem superior a qual cabia o exercício da autoridade. Todas as mulheres carregavam o peso do pecado original e, desta forma, deveriam ser vigiadas de perto e por toda a vida. (SILVA; SANTOS; TEIXEIRA, 2005, p. 72).

As inúmeras formas de violência vivenciadas pelas mulheres são silenciadas, devido ao contexto dominador dos homens e da sociedade. Este silêncio apoia-se no direito privado, nos segredos de família e no pátrio poder. O abuso sexual e o incesto sofridos por meninas, em sua maioria, são cometidos por pais ou irmãos e permanecem na obscuridade dos lares (PERROT, 2003). Essa realidade é evidenciada nas cenas de violência sexual, física e psicológica sofrida pela mãe de Joana, que culminam no silêncio e na resignação, pois as mulheres não tinham outra possibilidade de vida desatrelada do domínio masculino. Nader e Caminoti (2014) salientam que no âmbito doméstico e conjugal/amoroso, o ato sexual pode tornar-se coercitivo e configurar-se como meio eficaz de se estabelecer a dominação masculina.

Rubin (1993) destaca a opressão vivenciada por mulheres no vale do Amazonas e na Nova Guiné, com os dizeres de um índio mundurucu “domamos nossas mulheres com a banana”, fazendo menção ao estupro coletivo como mecanismo de intimidação. As formas diferenciadas de masculinidade e feminilidade são resultado de um elemento histórico e moral que determina a opressão sexual das mulheres.

Embora grande parte das cenas do filme que retratam a dominação masculina sejam justificadas pelas sagradas escrituras, por vezes, é suficiente a recorrência às superstições, lendas e crendices. É apoiado nessas crenças, que o pai de Joana associa a morte de seu primogênito a uma suposta desobediência da filha à ordem divina, pois ela havia convencido o irmão a ensiná-la a ler e a escrever.

Outra vítima da selvageria do padre é a esposa. Desaprovando as histórias lendárias que ela contava à filha, ele a agride, estupra e corta seus cabelos. Neste sentido, a afirmação do domínio masculino se dá a partir do controle do corpo feminino, com vistas a discipliná-lo. Em uma concepção misógina, subjugar o corpo da mulher se faz necessário para confirmar a supremacia do homem sobre aquela que ele considera inferior (SAYÃO, 2003).

Os estudos de Foucault (2004), sobre os corpos dóceis permite-nos entender que o padre e pai de Joana legitima o uso de castigos físicos como forma de disciplinar a mulher para que ela pudesse alcançar as bênçãos divinas. É também sob a influência dessa forma de pensar que Mateus, filho primogênito do cônego, explica à irmã a necessidade do castigo imposto pelo pai à esposa, dizendo que a mãe foi punida para o bem de sua alma, uma vez que desobedecer ao marido é contrário à lei de Deus.

Considerando a mentalidade da sociedade europeia medieval, o matrimônio se apresentava como uma instituição que escravizava as mulheres. A dominação masculina e a violência contra o feminino iam além das agressões físicas, ou seja, para que o corpo da mulher se tornasse disciplinado ou dócil implicava estender a tortura física para um plano simbólico ou, segundo Bourdieu (2005), para uma agressão sutil por ele denominada violência simbólica, altamente eficaz, por ser imperceptível pela vítima.

Essa violência aparece no decorrer do filme como uma coação perspicaz presente no cotidiano das personagens femininas, alimentada por aparelhos ideológicos⁴ quais sejam: a igreja, a escola, a família etc. Constantemente doutrinadas com esse discurso misógino, as mulheres se resignam a uma rotina limitada e escravizante. Mais do que isso, passam a naturalizar o discurso, recebendo como verdades as ideias que as desvalorizam, educando suas filhas de acordo com um ideário machista propagado pela sociedade patriarcal.

A esfera doméstica é um ambiente onde tradicionalmente ocorre o exercício de poder e dominação, muitas vezes naturalizada⁵ pela sociedade e seus membros. Essa naturalização é percebida nas cenas em que a mãe de Joana demonstra aceitar as limitações impostas às mulheres.

Para Hardy e Jimenez (2001), o processo de construção do gênero⁶ varia dependendo do tempo histórico e do lugar onde o indivíduo está inserido. O corpo sexuado, segundo Almeida (1996), é uma construção histórica e social, masculinidade e feminilidade não seriam um conjunto de características inatas, mas metáforas de poder que são acessadas por ambos os sexos quando necessário para os tornarem homens e mulheres aceitos socialmente.

⁴ Althusser (1985), define aparelhos ideológicos do Estado como realidades que se apresentam sob a forma de instituições distintas e especializadas, dentre elas os sistemas de diferentes igrejas. Embora existam os aparelhos ideológicos e os repressores do Estado, ambos funcionam simultaneamente pela violência e pela ideologia, mas o que os difere é a prevalência de uma forma de coerção sobre a outra.

⁵ Embora a relação desigual de poder seja aceita pelos dominados, ela não se constitui numa concordância consciente, mas em uma relação de submissão. As próprias mulheres incorporam essa relação de poder como algo irreversível, visto que já se encontra naturalizada na sociedade. Bourdieu (2010) nomeia de paradoxo da doxa a condição na qual a dominação passa a ser considerada como natural pelos dominados fazendo-os consentir na dominação, na sua permanência e aceitação.

⁶ A identidade de gênero pode ser entendida como um conjunto de convicções pelas quais se considera socialmente o que é masculino ou feminino (STOLLER, 1978). Como ocorre muito cedo na vida do indivíduo, a construção da identidade de gênero tende a ser uma das identidades mais básicas e estáveis do ser humano.

Para Beauvoir (1980), o domínio masculino sempre foi aceito de forma pacífica e as representações do feminino advêm de uma concepção antropológica assimétrica, que acolhe o masculino como padrão e o feminino como uma derivação do masculino, gerando a ideia de que as mulheres são o segundo sexo. Essa assimetria cria a desigualdade de poderes entre os sexos. Segundo Webber (2004), o conceito de poder não tem forma definida, pois significa a probabilidade de impor sua vontade dentro de uma relação social. Para o autor, a dominação é a legitimação do poder, ou seja, a dominação seria possibilidade de encontrar a obediência para ordens específicas, uma vez que quem obedece considera a ordem legítima.

3 Empoderamento e protagonismo feminino

Embora a época em que viveu Joana se apresentasse como fortemente marcada pelo domínio masculino, a luta da protagonista dá corpo a momentos específicos da trajetória de luta das mulheres, com vistas ao seu empoderamento⁷. A capacidade corporal feminina relacionada à reprodução da espécie humana delimita o espaço da mulher na vida em sociedade. Seu papel social de “cuidadora” confere-lhe uma posição hierárquica inferior em relação aos homens publicamente ativos e provedores, enquanto as mulheres na esfera da vida reprodutiva.

Refletindo sobre o empoderamento feminino enquanto representação literária, Neiva e Do Sacramento (2012) destacam o papel da literatura feminista no processo de desconstrução das estruturas patriarcais de pensamento. Assim, a identidade feminina se reconhece com a afirmação de uma subjetividade descentrada, que deixa de hierarquizar as relações de gênero e estabelece uma dialética entre a continuidade e a ruptura (SARDENBERG, 2018).

A partir dessa compreensão, Cross (1996) retoma questões vinculadas à causa feminista. Dessa forma, a trajetória de Joana se revela bastante ajustada à reflexão em torno de questões ligadas à luta das mulheres, incluindo a discussão em torno do

⁷ O conceito de empoderamento feminino encontra-se ligado à luta das mulheres pela igualdade envolvendo os direitos de paridade política e econômica entre os gêneros. A criação do termo se deu em um momento em que a teoria feminista questionava as categorizações que eram desenvolvidas por disciplinas dominadas por homens. O objetivo era criar conceitos alternativos que poderiam ajudar a explicar o mundo para seus sujeitos invisíveis e subordinados (MACHADO; SILVA, 2014).

uso dos mitos pelo discurso androcêntrico, a questão da violência simbólica como mecanismo de disciplinamento do corpo feminino e, principalmente, as formas de resistência empregadas pelas mulheres ao longo de sua trajetória de empoderamento.

Safioti (2001) corrobora com a autora supracitada ao contestar a posição vitimizada das mulheres, considerando que as relações de poder são constantemente ressignificadas. Fato também destacado por Foucault (2004) que entende o poder enquanto algo dinâmico e mutável. Louro (2012) acrescenta que as relações de gênero se evidenciam e se reproduzem nas e pelas relações de poder. Como as questões de gênero se encontram arraigadas nos valores, crenças e práticas de uma sociedade, para que a igualdade de gênero seja alcançada, é necessário que se busque mudanças na legislação, bem como mudanças de práticas nas famílias, nas escolas, nas comunidades, e, sobretudo, no próprio sujeito (SCOTT, 1995).

A começar pelo título do livro, o protagonismo da mulher é patente na narrativa em foco. A personagem central da obra é uma mulher que, tomando consciência das limitações do espaço a ela destinado pela sociedade, aceitou desafiar esses limites, mesmo diante de condições altamente adversas. Adotando o disfarce masculino para poder ingressar no clero, Joana foi além das fronteiras a ela destinada; dando corpo a momentos específicos da trajetória de mulher que não se submete aos obstáculos de seu tempo, mas que procura, dentro dos limites possíveis, tornar-se sujeito de sua história.

Mesmo reconhecendo a fragilidade das fontes históricas relativas à personagem, a narrativa do filme defende a ideia de que as lacunas documentais a respeito da Papisa Joana foram resultantes de uma ação da Igreja para eliminar evidências do papado de Joana. Sugere-se que a supressão do nome da papisa dos registros oficiais da igreja teria sido obra de Anastácio, desafeto de Joana, uma vez que a sua eleição ao trono papal e, conseqüentemente, à glória para a qual ele estava destinado teria sido suprimida pela ascensão de Joana.

No entanto, essa ação de Anastácio teria sido desfeita por obra de Arnalda, que também se disfarçara de homem para ingressar na vida clerical e se tornou o arcebispo Arnaldo. Arnalda teria restituído a verdade dos fatos, incluindo o nome de Joana em uma nova cópia do Livro dos pontífices – obra que traz a biografia dos papas entre os séculos I e XV. Arnaldo teria feito isso movido por um sentimento de lealdade

pois, assim como Joana, o arcebispo era Arnalda, filha do administrador Arn com quem Joana havia morado após fugir do mosteiro de Fulda.

Embora existam personagens femininos da obra em foco, que têm uma atuação pautada na incorporação do discurso masculino, como é o caso de Richild, (esposa de Gerold), Gudrun (mãe de Joana) e Hrotrud (a parteira) predominam no filme os perfis de mulheres marcantes, como Arnalda e Joana. A narrativa motiva no espectador uma simpatia pelas personagens femininas, fomentando um mecanismo de identificação entre as personagens e os expectadores, que acabam por fazer dessas mulheres representações das lutas femininas na contemporaneidade.

No interesse em abordar, por meio de um trabalho ficcional, a história das mulheres no medievo, ou mais exatamente na Europa do século IX, a obra procura desconstruir os discursos que justificavam a incapacidade feminina, mostrando a potencialidade feminina quando não há as limitações das representações quanto ao sexo frágil. Tal estratégia é empregada com o intuito de resgatar a voz feminina silenciada pela tradição e dar destaque às personagens mulheres que ousaram se rebelar contra o modelo de vida que lhes era imposto pela sociedade para se tornarem protagonistas da história.

Considerações finais

Na contemporaneidade, as obras cinematográficas são consideradas fontes de significativo valor testemunhal de eventos ou processos históricos. Integramos uma civilização acostumada a pensar com imagens e, por consequência, as obras visuais são parte importante da nossa memória contemporânea. Isso posto, os filmes importam sobremaneira aos estudos sócio-histórico-culturais como fontes desafiadoras, sejam elas imagem ou não da realidade.

Neste sentido, a análise do filme *A papisa Joana* se apresenta como inegável instrumento de pesquisa. A apreciação dos discursos presentes no filme possibilita a reflexão sobre a construção da identidade feminina na Idade Média bem como a compreensão das relações desiguais de gênero na sociedade medieval, de submissão aos costumes androcêntricos; além de refletir sobre a possibilidade de agenciamento diante de um cenário permeado pela dominação masculina. Tais reflexões podem ser

transplantadas para a sociedade moderna, onde ainda se observa assimetrias de gênero nas relações sociais.

A emancipação feminina, principalmente com acesso à escola, à política e aos diferentes postos de trabalho foi acompanhada da emergência de uma longa trajetória de silenciamento e resistências. Abafadas pelos discursos eclesiásticos ou mesmo pelas vozes masculinas domésticas que gritavam contra elas. Neste contexto surgiram, ao longo dos anos, inúmeras narrativas que se propuseram dar forma literária aos anseios femininos, dentre eles o filme ora analisado.

Assim, percebeu-se que o discurso androcêntrico e/ou misógino recorreu a narrativas míticas para justificar uma suposta submissão das mulheres. Outrossim, a análise da obra permitiu entender como o espírito de resistência das mulheres fomentou a ascensão do discurso feminista e a desconstrução gradativa das representações produzidas pelas mentalidades patriarcais. Ademais possibilitou o entendimento do contexto da luta das mulheres com vistas ao seu empoderamento, simbolizando a busca pela igualdade entre os gêneros e pelo direito das mulheres de serem sujeitos da própria história e senhoras dos próprios corpos e mentes.

Ficha técnica

Papisa Joana (Pope Joan). Berlin, 2009. 149 min. Dirigido por Sonke Wortmann.

Bibliografia

ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos de Estado*. Rio de Janeiro: Graal, v. 2, 1985.

BARROS, José D'Assunção. Cinema e história: considerações sobre os usos historiográficos das fontes fílmicas. *Comunicação & Sociedade*, v. 32, n. 55, p. 175-202, 2011.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand, 2005.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

CHARTIER, Roger. *A força das representações: história e ficção*. Chapecó: Argos, 2011.

CROSS, Donna Woolfolk. *Pope Joan: a novel paperback*. New York: Three Rivers Press, 1996.

DEERE, Carmem Diana; LEÓN, Magdalena. Diferenças de gênero em relação a bens: a propriedade fundiária na América Latina. *Sociologias*, a. 5, n. 10, p. 100-153, jul./dez. 2003.

DUBY, Georges. *Idade média, idade dos homens*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

FELICIO, Gisele Montoza; RODRIGUES, Sheila Darcy Antônio. Uma proposta de análise semiótica da canção A história de Lily Braun. *Revista Brasileira de Estudos da Canção*, v. 2238, p. 163-172, 2013.

FRANÇA, André Ramos. *Das teorias do cinema à análise fílmica*. 2002. 157 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura Contemporâneas) – Universidade Federal da Bahia, Salvador.

FOUCAULT, Michel. Michel Foucault, uma entrevista: sexo, poder e a política da identidade. *Revista Semestral Autogestionária do Nu-Sol*, n. 5, p. 260-277. 2004.

HARDY, Ellen; JIMÉNEZ, Ana Luisa. Políticas y estrategias en salud pública: masculinidad y género. *Revista Cubana Salud Pública*. v.2, n. 27, p. 77-88, 2001.

KIYAN, Ana Maria Mezzarana. *A identidade do sacerdote católico: um estudo sobre o celibato e a política de identidade da Igreja Católica*. 2005. 189 f. Tese (doutorado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

LOURO, Lopes Guacira. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

LUCIO, Aline Marcelina Resende. *Relações de gênero e dominação masculina na cozinha profissional: um estudo com chefs*. Belo Horizonte: FNH, 2017.

MACHADO, Brena; SILVA, Tamires. *Mulheres da paz: um estudo de caso sobre as noções de empoderamento no contexto do investimento social*. *Habitus*. v.12, n.1, p. 7-19, 2014.

MARQUES, Tanize Cristina; RAMIRES, Denilson; CAMPOS, Candida; GODOY, Gabriela; MASTELLA, Veronice. O cinema como uma prática de ensino-aprendizagem. *Revista Interdisciplinar de Ensino, Pesquisa e Extensão*. v. 4, n. 1, p. 94-102, 2017.

NADER, Maria Beatriz; CAMINOTI, Jacqueline Medeiros. Gênero e poder: a construção da masculinidade e o exercício do poder masculino na esfera doméstica. *Anais do 16º Encontro Regional de História da ANPUH-RIO*. Rio de Janeiro, 2014.

NEIVA, Luciano Santos; DO SACRAMENTO, Sandra Maria Pereira. Mito e representação feminina em "O Forte" de Adonias Filho. *Anuário de Literatura*, v. 17, n. 1, p. 221-240, 2012.

OLIVEIRA, Alexandre Barbosa de. Uso de fontes fílmicas em pesquisas sócio históricas da área da saúde. *Texto & Contexto-Enfermagem*, v. 26, n. 4, 2017.

PENAFRIA, Manuela. Análise de Filmes-conceitos e metodologia (s). In: *VI Congresso Sopcom*. p. 6-7, 2009.

PERROT, Michelle. Os silêncios do corpo da mulher. In: MATOS, Maria Izilda S. de; SOIHET, Rachel. *O corpo feminino em debate*. São Paulo: UNESP, 2003. pp. 13-27.

RAINONE, Francilene; FROEMMING, Liliane Seide. As potencialidades das imagens cinematográficas para o campo da atenção em saúde mental. *Latin American Journal of Fundamental Psychopathology*. v. 5, n. 1, p. 69-83, 2008.

RUBIN, Gayle. O tráfico de mulheres: notas sobre a economia política dos sexos. *SOS Corpo*, p. 157-210, 1993.

SAFFIOTI, Heleieth. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. *Cadernos Pagu*, n. 16, p. 115-136, 2001.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. O local do testemunho. *Revista Tempo e Argumento*, v. 2, n. 1, p. 3-20, 2010.

SARDENBERG, Cecília Maria Bacellar. *Da violência simbólica de gênero à violência sexual contra mulheres: a Lei anti-baixaria e o caso da banda New Hit*. 2018. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/28011>>. Acesso em: mai. 2019.

SAYÃO, Deborah Thomé. Corpo, poder e dominação: um diálogo com Michelle Perrot e Pierre Bourdieu. *Perspectiva*. v.21, n.1, p. 121-149, jan./jun. 2003.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*. v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SILVA, Glauce Cerqueira Corrêa da; SANTOS, Luciana Mateus; TEIXEIRA, Luciane Alves. A mulher e sua posição na sociedade: da antiguidade aos dias atuais. *Revista SBPH*. v.8, n.2. p. 65-76, dez., 2005.

STOLLER, Robert. *Recherches sur l'Identité Sexuelle*. Paris: Gallimard, 1978.

VANOYE, Francis; GOLLIOT-LÉTÉ, Anne. *Ensaio sobre a análise fílmica*. 7ª ed. Campinas: Papyrus, 2016.

WEBBER, Max. *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. São Paulo: Editora UnB, 2004.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert. *Literatura e gênero: a construção da identidade feminina*. Caxias do Sul: Educs, 2006.

Recebido em: 21 de nov. 2019.

Aprovado em: 19 de jun. 2020

Forma de citar este texto (ABNT):

CARDOSO, Virginia Arlinda da Silva; FARIAS, Rita de Cássia Pereira. A dominação masculina e a Igreja Católica: um estudo do filme a papisa joana. *Revista Café com Sociologia*, Maceió, v.9, n. 1, p. 14-26, jan./jul. 2020.